CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
14 de Julho de 2023

JACK / 1982

Um filme de António Manuel Silva

Realização: António Manuel Silva / Argumento: António Manuel Silva, baseado no conto homónimo de Branquinho da Fonseca / Direcção de Fotografia e Som: António Hipólito / Direcção Artística: João Garção Borges / Montagem: João Garção Borges e Luís Sobral / Interpretação: Ribeiro da Silva (Jack), João Mota (Zé), Melim Teixeira, João Garção Borges / Narração: Joaquim Furtado.

Produtores: António Manuel Silva, José Alves Pereira, Eduardo Ricou, António José Martins, Afonso Henriques Duarte, Manuel Leitão, José Lã Correia / Cópia 16mm, colorida, falada em português / Duração: 26 minutos / Inédito comercialmente.

1975 / 2001

Um filme de Manuel João Águas

Realização e Argumento: Manuel João Águas / Montagem: Manuel João Águas e Miguel Ceitil / Interpretação: Amadeu Caronho, António Silva Heitor, Cristóvão Campos, Eduardo Rafael e Luís Graça.

Produção: AS Produções / Produtora: Antónia Seabra / Cópia em 35mm colorida, falada em português / Duração: 13 minutos / Inédito comercialmente.

CAMARADAGEM / 1998

Um filme de Vasco Pimentel

Adaptação e Realização: Vasco Pimentel a partir do original de Colette / Fotografia: Mário Castanheira / Som: Joaquim Pinto / Montagem: Pedro Ribeiro / Cenografia e Guarda-Roupa: Rosa de Freitas / Música: G. Verdi, Marini, D. Modugno / Misturas: Branko Neskov / Maquilhagem: Heike Giesmann / Operador de câmara: Tiago Beja da Costa / Electricista: Pedro Curto / Maquinista: Francisco Branco / Fotografia de cena: Alexandra Silva Interpretação: Isabel Ruth (Isabel), Sinde Filipe (Max), Inês de Medeiros (Marta), Francisco Nascimento (o miúdo), Paula Marques (empregada).

Produção: DAVID & GOLIAS (Portugal, 1998) / Produtores: Luis Alvarães, Fernando Vendrell / Co-produção: RTP-Radiotelevisão Portuguesa / Cópia: Betacam SP, cor, 37 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca: 11 de Novembro de 1999 (“Isabel Ruth”).

A DUPLA VIAGEM / 2002

Um filme de Teresa Garcia

Realização e Argumento: Teresa Garcia / Diálogos: Sérgio Godinho / Direcção de Fotografia: Paulo Ares / Decoração: Tatão Amaral e João Santos / Música: Carlos Guerreiro / Som: Francisco Veloso (som adicional de Antoine Bonfanti) / Montagem: Pierre-Marie Goulet e Patrícia Saramago / Interpretação: Isabel de Castro (A Senhora), Sandra Salomé (Helena), Ivo Canelas (Pedro), Maria Emília Correia (a mãe), Orlando Costa (o pai), Júlia Correia, Sónia Botelho, Sara Paz, Magda Vaz, João Santos, Omar Roumayni, Saadia Naume, Hanza Taoula, Ettali Ahmed.

Produção: Minerva e Athanor , em co-produção com Maroc Movies / Cópia em 35mm, colorida, falada em português / Duração: 30 minutos / Ante-estreia na Cinemateca a 21 de Fevereiro de 2002.

***

Com a presença de Teresa Garcia

****

Um conto de Branquinho da Fonseca faz a substância narrativa de **Jack**. É um filme que, logo pela relação com a palavra e com o texto, tomados como elemento criador de uma distância (referimo-nos à narração "off"), se integra bem numa *via* do cinema português que naquela época, princípio dos anos 80, vivia talvez os seus momentos de maior pujança, e se caracterizava justamente pela atenção posta no relacionamento entre as imagens, a mise en scène, e o texto. O que significa também que a teatralidade (não confundir com "o teatro") nunca está longe, bem visível por exemplo na presença dos actores (entre eles João Mota, no seu primeiro papel cinematográfico desde o Mal Amado de Matos Silva, oito anos antes) e no diálogo entre toda esta artificialidade e a franqueza dos décores (os exteriores, sobretudo, e os contrastes cromáticos, por exemplo entre a brancura das vestimentas e o azul do céu). Curioso filme, que poucas vezes terá sido visto depois de 1982 e vale a pena descobrir.

Mais tardio (2001), **1975** é a única experiência na realização de Manuel João Águas, que foi um dos assistentes de realização mais requisitado pelo cinema português dos anos 80 e 90 e depois se tornou colaborador (e encenador) nos Artistas Unidos. Também é um objecto bastante singular, desde logo por ser uma das primeiras explorações de uma tonalidade homoerótica no cinema português (**O Fantasma**, de João Pedro Rodrigues, tinha estreado no ano anterior, mas é a curta que a precedeu, **Parabéns!**, que 1975 mais lembra). Depois, por isso aparecer de forma alusiva, num equilibrismo delicado entre o implícito e o explícito na relação entre os dois rapazes (sendo que um deles, o que tem a colecção de discos de David Bowie e dos Mott the Hoople. é uma espécie de idealização, de encarnação de uma imagem de libertação e emancipação sexual que podia ser representada por alguém como Bowie, justamente); e mais do que apenas alusivamente, de forma totalmente entroncada na História: 1975, ano da Revolução, ano do PREC. O filme de Água traz a revolução para o domínio do íntimo, associando tudo na mesma ordem libertadora: política, sexo e rock and roll. Não há muitos filmes portugueses a fazê-lo.

Luís Miguel Oliveira

"Que Isabel, tão pouco Isabel" lamenta o miúdo a dado passo, quando, mudado o cenário habitual dos encontros dos dois, o quarto dele em vez da casa dela, custa a reconhecer-lhe as frases e os gestos. O nome da personagem coincide com o da actriz. Isabel Ruth está aqui no papel de uma esposa vagamente leviana a quem os jogos de sedução com um rapaz mais novo alimentam o ego ou, sobretudo, asseguram as fantasias conjugais com o marido. O casal é protagonista da sua história num momento atravessado por outros encontros, *flirts* como lhes chamam: Isabel com o miúdo e Max com a arrebatada Marta. Quando se anuncia a passagem à fase seguinte à corte, aí "o casal que ri" recua ao estado de graça. Regressa a casa nos braços um do outro. Os outros dois "cúmplices", eventualmente menos cúmplices do que julgavam, saem simplesmente de cena. Mal, no caso do miúdo, demasiado novo ou, pelo menos, manifestamente impreparado para aquelas aventuras. O miúdo não entendia a falta de simpatia dela, que lhe prometera um encontro ilícito e afinal não estava apaixonada por ele como devia ser. "Falta-me a plateia, o público, percebes?"

A cena abre sem pano, mas com a apresentação imediata dos dois protagonistas, que atravessam o enquadramento vindos cada um de seu lado, para se beijarem depressa e saírem de campo, trocando de posições. A câmara mantém-se fixa para mostrar a entrada em cena da empregada que descreve outra linha, oblíqua em relação à posição da câmara, dirigindo-se à porta onde um toque de campainha sinaliza a chegada de um visitante. Está feita a apresentação dos protagonistas, dado o mote à comédia de costumes. O plano muda com a chegada de Marta e aí começam as trocas de palavras que acompanham a pose de Marta; o excesso de jeitos e trejeitos de Max, que tira da lapela um lenço como quem desembainha uma espada para reparar imediatamente a defesa da dignidade afectada pelo beijo do miúdo a Isabel que ele repete (mas como um galã cinéfilo) no beijo a Marta; o riso de Isabel, que, segundo Marta, quem está de fora julga mais amante do que esposa de Max, inquieta no fim do primeiro acto; o desamparo do miúdo, que Isabel não teme, nem consegue, ao menos, levar a sério. O casal fica inseparável e ridículo, como já era.

Na pele desta Isabel, Isabel Ruth consegue captar os olhares, inspirada como sempre. Trata-se do terceiro título de uma série de "Peças Curtas" produzida pela David & Golias. Uma peça de teatro filmada em formato de curta-metragem, aqui em dois Actos, por Vasco Pimentel, adaptando um texto original de Colette na sua segunda incursão na realização: *Camaradagem*.

Maria João Madeira

Primeiro tomo de uma trilogia a que Teresa Garcia chamou *As Voltas do Tempo*, **A Dupla Viagem** lança-lhe a figura narrativa dominante, a "viagem", e de alguma

maneira também o seu reverso, o "enraizamento" e a imobilidade. Em **A Dupla Viagem**, que parte de um conto chinês que a realizadora (segundo ela contou) encontrou por acaso e depois trabalhou de modo livre, essa oposição aparece particularmente expressa no confronto entre as personagens do rapaz e da rapariga e a imóvel família dela (que não por acaso vemos pela primeira vez sentada a uma mesa, jogando às cartas). É uma espécie de crónica de "passagem" à idade adulta, onde a "viagem" é tanto uma questão literal como uma questão simbólica – representando fundamentalmente um "movimento", que tanto é físico e exterior como sentimental e interior. Há uma história que tem a sua dimensão de "amour fou" à escala de outros amores adolescentes e vagamente "proibidos" retratados na literatura ou no cinema (a rapariga que se encerra no quarto), e que abre a porta para uma dimensão mais onírica ("fantástica", mesmo, segundo expressão de Teresa Garcia) e, ao nível dos ecos, mais mitológica. Um pouco de mistério, também – ou não fosse (citamos Teresa Garcia em texto escrito para a ante-estreia na Cinemateca em 2002) "um filme que procura soar até ao final dentro dos parâmetros do real e do quotidiano e vai deslizando imperceptivelmente de uma realidade 'normal' para um universo movente e indefinido onde a fronteira entre o real e o irreal se fractura, deixando cada um frente a uma porta (janela) aberta".

Luís Miguel Oliveira